

Feitiços [*Charmes*]

Feitiços. Poucas palavras em português dão conta da ambiguidade intrínseca destes poemas de Valéry. Eles são ao mesmo tempo um “feitio”, algo feito, construído, fabricado, e uma “feitiçaria”, um canto, um encantamento, algo mágico, imaginário. Ao mesmo tempo um processo e um ritual que se abrem nas mãos, olhos, ouvidos, enfim, nos corpos dos leitores.

Saídos do canteiro de obras em que Valéry produziu *A jovem parca* (1917), os poemas destes *Feitiços* (1922) foram escritos ao longo ou pouco depois da Primeira Guerra Mundial. Se *A jovem parca* é um poema do luto, estes são poemas que nos puxam para fora desse infinito processo de elaboração. A construção da relação com o contexto de uma guerra fratricida é um aspecto crucial deste livro, mas em forte contraponto a esse fundo sombrio, ele fala da paz e do fluxo contínuo da vida. Como diz Valéry em um de seus textos mais famosos: “A paz é uma guerra que admite atos de amor e de criação no seu processo: ela é então algo mais complexo e mais obscuro que a guerra propriamente dita, como a vida é mais obscura e profunda que a morte” (CE I, p. 994).¹

Ainda que quase cem anos nos separem de sua publicação, a estratégia de Valéry de escrever poemas deliberadamente antimodernos, às vezes até *démodés*, parece ter surtido efeito. Eles aspiram a um horizonte histórico mais amplo, uma *longue durée*, que possibilitou a invenção de um futuro bastante diferente daquele calcado em uma linha reta que leva da ordem ao progresso.

Seus versos retomam uma prática antiga, alquímica, artesanal, que cria uma outra relação com o tempo. Apostam na sedimentação lenta das palavras que buscam a voz, ou melhor, as vozes que reverberam em muitas direções e entre muitos seres (plantas, animais, humanos, seres míticos, arquetônicos, imaginários). São versos que se colocam como uma pedra no meio do caminho da compressão do tempo, da

ansiedade por um futuro que nunca chega. “E como ficou chato ser moderno. Agora serei eterno”, diria Drummond!

No ateliê de Valéry, ao longo do processo de escrita destes poemas, é muito comum ver um desdobramento das imagens, dos temas e mesmo dos poemas que brotam uns de dentro dos outros. E por trás dos poemas há muitas vezes cálculos (evidentes nas estrofes de seis decassílabos de “O cemitério marinho” que equivalem a cinco dodecassílabos), algumas vezes imagens ou uma noção vaga do ritmo, outras vezes uma sensação que se alonga a partir de um simples instante ou de uma anotação em um caderno. Tudo vai longamente sendo levado ao seu limite. O limite do que é possível ver, sentir, pensar, imaginar, dobrar-se sobre si mesmo ou até perder-se na escrita sem objetivo algum.

Nos manuscritos de elaboração destes poemas, vemos se formarem listas que são verdadeiras paletas de temas, de ideias, de rimas, de assonâncias, de campos semânticos que, só depois, Valéry, como um pintor, retira do esboço para reanimá-los no corpo de um ou vários poemas. E assim vamos passando continuamente de um plano a outro da composição (cenas de fala, sintaxe, ritmo, métrica, rima, sensações...) como “um rio sem ruptura/ (que) parecia me percorrer”... No caso dos *Feitiços*, um dos pontos cruciais para regular esse processo infinito de reenvios foi a concepção da estrutura do livro, como um outro plano a partir do qual se desenhou uma volta aos poemas, resolvendo mínimos senões de cada camada do processo compositivo.

Se “O cemitério marinho” e o “Esboço de serpente” se tornaram incontornáveis no século XX, hoje “A Pítia” ganha particular relevo, e foi um dos pontos de torção do nosso projeto de tradução. Desenha-se ali uma cena de enunciação em que fala a pitonisa do templo de Delfos. No limiar do transe, ela recebe os eflúvios da terra para transformá-los em cantos (encantos, feitiços) ao unir as suas duas naturezas (corpo e espírito), permitindo uma outra leitura que atravessa de corporalidade as imagens e as formas de pensamento, as forças sob as formas destes *Feitiços*:

*De meus segredos soam auroras!
Tristes metais, fontes sonoras,
O que dirão desse porvir!
Matem a hora que se avizinha,*

*Rebatam numa rocha... As minhas
Duas naturezas vão se unir!*

Longe daquele tão conhecido quanto falso Valéry intelectual que confundiram com seu personagem M. Teste, o que vemos aqui é a invenção de um pensamento de outra ordem: sensível, corporal, se desdobrando em imagens, se sustentando no limiar entre a voz e a escuta. Nesse passo, veja-se que não se trata de uma negação do pensamento, mas de outra forma de pensar que potencializa os afetos, as sensações, as experiências. Afinal, como Valéry diz em “Poesia e pensamento abstrato”, alguém que só pudesse ser poeta sem nenhuma capacidade de pensamento não poderia ser poeta, assim como “se todos os homens não pudessem viver uma quantidade de outras vidas além da sua, ele não poderia viver a sua”.

A impossibilidade de diferir de si mesmo, de ser alguma coisa diferente do que se é, torna-se um mote no pano de fundo secretamente amoroso de “Fragmentos do Narciso”. Como crítica voraz ao narcisismo que se reconhece apenas na sua imagem invertida ou no som da própria voz, o poema mostra Narciso perdendo-se, contra a sua vontade, na dissonância entre suas capacidades sensíveis. É essa duplicidade, essa dissonância que, como o amor, o tirariam do seu incansável circuito de autorreferência e estabeleceriam um rastro de alteridade (consigo mesmo e com os outros): “Ah! Corpo miserável, é tempo de aliança...”.

Ao longo dos poemas, o corpo vai se mostrando como um atravessamento de corpos, assim como a vida é um atravessamento de muitos mundos diferentes entre si e a poesia uma forma de inventar novas conexões entre esses mundos. Ela inventa outros modos de relação com a natureza, outros modos de habitar a linguagem, outras formas de pensamento, outros regimes de imaginação. E não se trata de uma multiplicidade sensível organizada por uma unidade intelectual como por tanto tempo se pensou, mas de dois (ou mais!) campos heterogêneos (o som e o sentido, o verso e a sintaxe, o ritmo e a rima, o corpo e o espírito, o mítico e o poético) que se cruzam ressignificando-se reciprocamente. É o que vemos em uma estrofe magistral de “O cemitério marinho”, onde o gozo, a boca, a fruta, a ausência, o futuro, o passado, o canto, a vida e a morte se determinam mutuamente:

*E assim como em gozo se derrete a fruta,
Como em delícia sua ausência se transmuta
Numa boca onde morre o que ela formou,
Eu aqui fumo o meu futuro que se esfuma,
E o céu canta à alma que toda se consoma
A transformação das margens em rumor.*

O mesmo ocorre em “Aurora”, onde a transformação contínua entre os limites das margens e o limiar dos rumores se perfaz por uma passagem sempre ambígua entre a noite e o dia, o sono e a vigília, a presença e a ausência, a percepção e a imagem, o inconsciente e o consciente, um mundo falante e uma fala que é atravessada por diferentes mundos. Em “Aurora” também estão cifrados todos os temas dos *Feitiços*. Quando lemos o poema, essas múltiplas instâncias reverberam naquela hora do dia em que Valéry por mais de cinquenta anos acordava para escrever os seus famosos *cadernos* e muitos dos poemas deste livro.

Talvez seja mais do que mera curiosidade biográfica saber que Valéry produziu parte dos *Feitiços* em uma casa de campo rodeada de imensas árvores, atravessada por um pequeno rio e próxima ao mar, de onde ele escreve em uma carta: “Eu descia de manhã ali, antes da aurora. Eu tinha os pés descalços sobre a relva gelada. O primeiro momento do dia exerce sobre meus nervos uma potência singular [...]. Você não pode imaginar as manhãs que passei durante dois ou três meses de verão, nessa rica região onde a grande árvore cresce como a relva, onde a relva é incrivelmente forte e fácil, onde a potência vegetal é inesgotável” (CE I, p. 1655). Qualquer semelhança com o final de “O Plátano” não é mera coincidência:

*— Diz a árvore: Não! Diz pelo resplandecer
De sua cabeça altiva,
Que a tempestade trata como todo ser
Assim como faz com a relva!*

A potência inesgotável do mundo vegetal, como de outros mundos (animal ou imaginário), são fluxos da relação do pensamento e da linguagem com o que há de vegetal, animal, imagético nas potências corporais. É um corpo e uma linguagem que reverberam outros corpos. As coisas do espírito se constituem na relação entre o corpo e o mundo. Só há “contato” com a natureza se antes houver contato com o próprio corpo, um corpo capaz de ouvir a sua própria natureza

e reverberar outras, ouvir sua própria respiração e respirar com as plantas, ouvir sua própria linguagem atravessada pela voz de outros modos de existência.

Nas metamorfoses corporais e vocálicas do “Esboço de serpente” (“serpent” é uma palavra masculina em francês), vemos muito desse jogo sinestésico em movimento. É toda uma gama de inflexões da voz e de correlações sensíveis que envolvem o jogo de sedução entre serpente e Eva. Por exemplo, quando se mostra “presente como um odor,/ Como o aroma de uma ideia” ou quando “de uma saliva surpreendente,/ Sistemas leves são tecidos” ou ainda quando pede: “Cede, ó corpo, a esse enlace! [...] a sede de metamorfoses”, “tua nuance já varia”. São essas variações, essas metamorfoses, as inflexões da voz que colocam em xeque a metafísica divina, posto que até Deus não aguentou ficar consigo mesmo e precisou criar o mundo: “o universo é só um defeito/ Na pureza do Não-ser!”. Como um contramito da queda do paraíso (como “Fragmentos do Narciso” é, até por estar posto em fragmentos, uma busca do “antinarciso”), salta aqui o gozo de comer do fruto do saber (e não ter medo ou culpa de outras formas de pensar, ouvir, sentir...):

*Não ouças o Ser velho e puro
Que maldiz a breve mordida
Se a tua boca em sonho vertida,
Sonha a sede com a sorvida seiva;
Esse prazer quase futuro
É a eternidade fundindo, Eva!*

Essa metamórfica arte das passagens aparece por todo o livro, ainda que tendo que lidar com a angústia do nada ou do vazio de sentido. E é aí que as cenas de fala ganham ainda mais força. Seja na voz das árvores (Plátano ou palma) que se sustentam entre o húmus que as puxa pelas raízes e a luz que as projeta em direção ao céu, seja na voz das colunas que transforma seu gesto arquitetônico em canto no poema. Assim como se passa da voz que existe à voz que vem e deve vir e “que sabe quando soa também/ não ser a voz de ninguém/ como das pedras e dos bosques”, como lemos ao final de “A Pítia”. Essa voz das coisas e a voz como coisa, voz como limiar entre o corpo e a linguagem, essa fala dos seres que buscam sua secreta arquitetura no interior intrincado de “As romãs”.

São esses muitos seres que falam mesmo para dizer “Não”, como vimos com a árvore orgulhosa que resiste à arrogância e à destruição tão humanas. O ser humano aqui é visto como um ser prepotente que, apesar de suas admiráveis invenções, é incapaz de perceber seu lugar no coro pânico de um mundo que ele destrói desastrosamente. Sobre os destroços da guerra e do planeta — “o tempo do mundo finito começa” —, trata-se de tentar salvar o mundo, a própria natureza, a partir de uma ecologia das palavras que é um outro modo de habitar esse mesmo mundo que faz com que tatilmente a gente “sinta o peso de uma palma/ Da palmeira em profusão!”.

O anacronismo deliberado de Valéry encontra-se aqui com antigas formas de vida e de feitiços que precisam ser, ao seu modo, protegidas como formas de biodiversidade. Elas tentam dar vida a esses mundos em extinção, entre eles a própria poesia, para que o rolo compressor da modernidade não achate e torne homogêneas todas as experiências. Pode ser um gesto desesperado, como aquele de jogar o vinho no mar (“O vinho perdido”), que se dissolve para se converter nas “formas as mais profundas”. Assim como, em outra direção, as ondas jorram junto ao corpo e o fazem voltar à vida como acontece no final de “O cemitério marinho”.

E quando se fala em vida aqui, não se trata de uma oposição à morte, mas sim de uma “nova morte mais preciosa do que a vida”, como lemos em “A falsa morta”, porque se trata daquilo que deve morrer para que haja vida, da morte que esculpe o vivente “que desde sempre recomeça”. Esses movimentos entre o cemitério e o mar (morte e vida, destruição e criação) em um contínuo em transformação desenham inúmeras posições subjetivas, como se o poema fosse um grande ensaio sobre os modos de se colocar diante dessa condição: desde o sujeito como uma “secreta variação” no mundo parado sob o sol a pino até o corpo-sujeito que se mistura à variação do movimento das ondas, como se fosse a embreagem entre duas variações, do mundo e do sujeito, em meio às quais se desenha um eu oblíquo, um “mim”, que difere de si mesmo e se reinventa nas dobras do mundo.

É interessante ver como esse movimento das posições subjetivas se objetiva pelos muitos seres diferentes que habitam estes poemas. Narciso, ninfas, silfos, deuses ou mesmo Deus são presenças invisíveis ou etéreas, formas sutis que nos permitem acessar camadas mais finas

da experiência, onde o influxo das coisas se faz imagens. São modos de existência que não são nem subjetivos nem objetivos, nem corpo nem alma, mas que se configuram, como a linguagem, na relação entre eles.

Bonito também ver a potência das figuras femininas na construção desse outro mundo de imagens, de potência das relações entre o corpo, o espírito e o mundo. Narciso se vê atravessado por ninfas (que o salvam da sua “selfie” infinita), Eva é a potência do desejo que fura a voz divina, e a Pítia abre o grande caminho do corpo no corpo da linguagem. Também na cenografia de “Aquele que dorme” quem a vê se imiscui no seu sono de olhos abertos, como se fundisse o sono e a vigília no jogo entre os dois.

Esse duplo movimento marca muitos dos poemas, como vemos em “O remador”, que tenta se manter na superfície da água — como das palavras — mas afunda para uma outra dimensão. Assim também o movimento de “A cintura”, que revela o observador, fazendo com que a sua presença se desfaça em uma quase ausência, assim como desdobra a possibilidade de encontro em um melancólico erotismo que beira a solidão.

Importante notar como nesse movimento das perspectivas nos poemas, o verso cria um estado de excitação e espera explicitamente trabalhado na pequena poética feita em poema de “Os passos”: “Não apressa esta atitude terna,/ Em doce ser e não ser passo,/ Pois que vivi de vossa espera, /E pus meu peito em vossos passos”. Essa grande questão poética e metafísica do verso — junto com a extraordinária recepção de Valéry entre os tradutores e poetas brasileiros —, que discutimos em “Situação de Valéry no Brasil”, posfácio deste livro, pode ser resumida como a necessidade de manter ao máximo a “hesitação prolongada entre o som e o sentido”. Mas não se confunda hesitação com dúvida, pois a força do poema está na necessidade fatal de atravessar a hesitação por um ato que mantenha sua potência, mesmo após realizado, como vemos em “A abelha”:

*Preciso agora de um tormento:
Um mal vivo e bem terminado
Supre um suplício sonolento!*

*Então meu senso é iluminado
Pelo brilho deste ínfimo alerta
Sem ele o Amor morre ou aquieta!*

Entre o prolongamento infinito da hesitação e a necessidade do ato, vemos o lugar do poema como em “Poesia” ou “Ode secreta”. Poema que, no entanto, na sua forte raiz simbolista, deve apenas evocar os mundos que às vezes quase incompreensivelmente aciona. O poema aspira ao “claro enigma”, busca aquele ponto de opacidade que permite a reinvenção pelo leitor da multiplicidade de sentidos (em todos os sentidos) e dos movimentos mais sutis que continuam latentes na explosão da abertura de “As romãs”, quando não são escravizados pelo olhar, pela pura inteligência que anula o “Interior”.

Ao longo do livro nos tornamos os remadores habitantes do barco do poema no fluxo do rio corrente da linguagem. Somos a “terceira margem do rio”, esse lugar equívoco, onde os sentidos se multiplicam, as metáforas são corpos e os corpos, linguagem. Signos de algo que apenas se insinua, evoca possibilidades, alerta para a linguagem dentro da linguagem, como para os mundos dentro do mundo.

Que o leitor destes poemas possa passear em português, como nós passeamos entre as duas línguas por mais de sete anos, produzindo novos corpos, novas sensações, desejos, rimas que pudessem sustentar a hesitação prolongada entre tantos sons e tantos sentidos, entre tantas linguagens e tantos mundos, entre nós e vocês, com quem agora formamos um só e múltiplo Valéry.

1 As referências às Œuvres de Paul Valéry serão mencionadas no corpo do texto como “Œ”, seguidas do número de página.

Feitiços [*Charmes*]

Deducere carmen

Aurore

à Paul Poujaud

*La confusion morose
Qui me servait de sommeil,
Se dissipe dès la rose
Apparence du soleil.
Dans mon âme je m'avance,
Tout ailé de confiance:
C'est la première oraison!
À peine sorti des sables,
Je fais des pas admirables
Dans les pas de ma raison.*

*Salut! encore endormies
À vos sourires jumeaux,
Similitudes amies
Qui brillez parmi les mots!
Au vacarme des abeilles
Je vous aurai par corbeilles,
Et sur l'échelon tremblant
De mon échelle dorée,
Ma prudence évaporée
Déjà pose son pied blanc.*

*Quelle aurore sur ces croupes
Qui commencent de frémir!
Déjà s'étirent par groupes*

*Telles qui semblaient dormir:
L'une brille, l'autre bâille;
Et sur un peigne d'écaille
Égarant ses vagues doigts,
Du songe encore prochaine,
La paresseuse l'enchaîne
Aux prémisses de sa voix.*

*Quoi! c'est vous, mal déridées!
Que fîtes-vous, cette nuit,
Maîtresses de l'âme, Idées,
Courtisanes par ennui?
— Toujours sages, disent-elles,
Nos présences immortelles
Jamais n'ont trahi ton toit!
Nous étions non éloignées,
Mais secrètes araignées
Dans les ténèbres de toi!*

*Ne seras-tu pas de joie
Ivre! à voir de l'ombre issus
Cent mille soleils de soie
Sur tes énigmes tissus?
Regarde ce que nous fîmes:
Nous avons sur tes abîmes
Tendu nos fils primitifs,
Et pris la nature nue
Dans une trame ténue
De tremblants préparatifs...*

*Leur toile spirituelle,
Je la brise, et vais cherchant
Dans ma forêt sensuelle
Les oracles de mon chant.
Être! Universelle oreille!
Toute l'âme s'appareille
À l'extrême du désir...
Elle s'écoute qui tremble
Et parfois ma lèvre semble
Son frémissement saisir.*

*Voici mes vignes ombreuses,
Les berceaux de mes hasards!
Les images sont nombreuses
À l'égal de mes regards...
Toute feuille me présente
Une source complaisante
Où je bois ce frêle bruit...
Tout m'est pulpe, tout amande,
Tout calice me demande
Que j'attende pour son fruit.*

*Je ne crains pas les épines!
L'éveil est bon, même dur!
Ces idéales rapines
Ne veulent pas qu'on soit sûr:
Il n'est pour ravir un monde
De blessure si profonde
Qui ne soit au ravisseur*

*Une féconde blessure,
Et son propre sang l'assure
D'être le vrai possesseur.*

*J'approche la transparence
De l'invisible bassin
Où nage mon Espérance
Que l'eau porte par le sein.
Son col coupe le temps vague
Et soulève cette vague
Que fait un col sans pareil...
Elle sent sous l'onde unie
La profondeur infinie,
Et frémit depuis l'orteil.*

Aurora

a Paul Poujaud

Essa confusão morosa
Que de sono me servia,
Se dissipa desde a rosa
Com que o sol se parecia.
Em minha alma o eu avança,
Todo alado de confiança:
Eis a primeira oração!
Das areias mal eu saio,
Notáveis passos ensaio
Nos passos da minha razão.

Saúdo! Ainda adormecidas
Aos vossos sorrisos iguais,
Similitudes amigas
Que entre as palavras brilhais!
No barulho das abelhas
Eu vos terei por corbelhas,
E sobre o escalão tremente
De minha escala dourada,
Minha prudência evaporada
Seu pé claro já estende.

É a aurora nas garupas
Que começam a fremir!
E se espreguiçam em grupos

As que fingiam dormir:
Uma boceja, a outra esplende;
Nas escamas de um pente
Correm dedos entre os nós,
Do sonho que perto passa,
A preguiçosa o enlaça
Nas premissas de sua voz.

Quê! sois vós, assim tão feias!
Chegando só de manhã?
Senhoras da alma, Ideias,
Por tédio são cortesãs?
— Tão sábias, dizem-se as tais,
Nossas presenças imortais
Jamais traíram teu teto!
Nas trevas de tuas entranhas,
Como secretas aranhas
Nós estávamos por perto!

Mas não estarás bêbada
De alegria! ao ver saídos
Da sombra mil sóis de seda
Em teus enigmas tecidos?
Veja bem o que fizemos:
Sobre os teus abismos temos
Urdido fios primitivos,
Nua a natura amalgama
No mais tênue de uma trama
De trêmulos preparativos...

Sua telha espiritual,
Eu a quebro, e vou buscando,
Na floresta sensual
Oráculos do meu canto.
Ser! Universal orelha!
Toda alma se aparelha
No extremo do desejo...
Ela se escuta estremecer
E meu lábio crê reter
Do seu tremor o ensejo.

Eis minhas vinhas umbrosas,
Nino acasos nesses lugares!
São imagens numerosas
Assim como meus olhares...
Toda folha aqui presente
É uma fonte complacente
Onde bebo esse rumor...
Tudo é polpa, amêndoa, tudo,
Todo cálice num clamor
Quer que eu espere seu fruto.

Não! Não receio os espinhos!
Acordar é bom, e é duro!
Esses ideais mesquinhos
Não querem ninguém seguro:
Não se arrebatam um mundo
De ferida tão profunda
Sem que seja o usurpador

Uma fecunda ferida,
Só seu sangue o incita
A ser seu possuidor.

A transparência alcança
A invisível bacia
Onde nada a Esperança
Que a água me trazia.
Seu colo corta a hora vaga
E soergue esta vaga
Que um colo sem igual fez...
Sente sob a onda unida
A profundidade infinda,
E estremece desde os pés.

Au Platane

à André Fontainas

*Tu penches, grand Platane, et te proposes nu,
Blanc comme un jeune Scythe,
Mais ta candeur est prise, et ton pied retenu
Par la force du site.*

*Ombre retentissante en qui le même azur
Qui t'emporte, s'apaise,
La noire mère astreint ce pied natal et pur
À qui la fange pèse.*

*De ton front voyageur les vents ne veulent pas;
La terre tendre et sombre,
Ô Platane, jamais ne laissera d'un pas
S'émerveiller ton ombre!*

*Ce front n'aura d'accès qu'aux degrés lumineux
Où la sève l'exalte;
Tu peux grandir, candeur, mais non rompre les nœuds
De l'éternelle halte!*

*Pressens autour de toi d'autres vivants liés
Par l'hydre vénérable;
Tes pareils sont nombreux, des pins aux peupliers,
De l'yeuse à l'érable,*

Qui, par les morts saisis, les pieds échévelés
 Dans la confuse cendre,
Sentent les fuir les fleurs, et leurs spermes ailés,
 Le cours léger descendre.

Le tremble pur, le charme, et ce hêtre formé,
 De quatre jeunes femmes,
Ne cessent point de battre un ciel toujours fermé,
 Vêtus en vain de rames.

Ils vivent séparés, ils pleurent confondus
 Dans une seule absence,
Et leurs membres d'argent sont vainement fendus
 À leur douce naissance.

Quand l'âme lentement qu'ils expirent le soir
 Vers l'Aphrodite monte,
La vierge doit dans l'ombre, en silence, s'asseoir,
 Toute chaude de honte.

Elle se sent surprendre, et pâle, appartenir
 À ce tendre présage
Qu'une présente chair tourne vers l'avenir
 Par un jeune visage...

Mais toi, de bras plus purs que les bras animaux,
 Toi qui dans l'or les plonges,
Toi qui formes au jour le fantôme des maux
 Que le sommeil fait songes,

*Haute profusion de feuilles, trouble fier
Quand l'âpre tramontane
Sonne, au comble de l'or, l'azur du jeune hiver
Sur tes harpes, Platane,*

*Ose gémir!... Il faut, ô souple chair du bois,
Te tordre, te détordre,
Te plaindre sans rompre, et rendre aux vents la voix
Qu'ils cherchent en désordre!*

*Flagelle-toi!... Parais l'impatient martyr
Qui soi-même s'écorche,
Et dispute à la flamme impuissante à partir
Ses retours vers la torche!*

*Afin que l'hymne monte aux oiseaux qui naîtront,
Et que le pur de l'âme
Fasse frémir d'espoir les feuillages d'un tronc
Qui rêve de la flamme,*

*Je t'ai choisi, puissant personnage d'un parc,
Ivre de ton tangage,
Puisque le ciel t'exerce, et te presse, ô grand arc,
De lui rendre un langage!*

*Ô qu'amoureusement des Dryades rival,
Le seul poète puisse
Flatter ton corps poli comme il fait du Cheval
L'ambitieuse cuisse!...*

— Non, dit l'arbre. Il dit: Non! par l'étincellement
De sa tête superbe,
Que la tempête traite universellement
Comme elle fait une herbe!

Ao Plátano

a André Fontainas

Te inclinas, grande Plátano, e surges despido,
 Como um jovem da Cítia,
Alvo, mas tens o candor preso e o pé retido
 Pela força do sítio.

A sombra ressonante ali onde o azul vai
 Se acalmar, sopesa,
Esse pé natal e puro que a sombria mãe contrai
 E a quem a lama pesa.

Tua face viajante os ventos não querem mais;
 A tenra terra na penumbra,
Fica apenas a um passo de não deixar jamais
 Que se encante a tua sombra!

Esse rosto acederá a graus luminosos
 Lá onde a seiva exalta-o;
Podes crescer, candor, mas sem romper os nossos
 Nós, do eterno alto!

Presentes em volta outros viventes unidos
 Pela hidra que adorávamos;
São muitos teus semelhantes, de bordos a pinhos,
 De carvalhos a álamos,

Que, presos pelos mortos, com os pés atados
Nas cinzas confundidas,
Sentem flores em fuga, e seus espermatozoides alados,
Tão leves nas descidas.

O tremor puro, o feitiço, e o fícus formado,
De quatro jovens damas,
Não param de bater num céu sempre fechado,
Em vão vestidos por ramos.

E vivem separados, choram, se confundem
Em uma só ausência,
E os seus membros de prata eis que em vão se fundem
Na sua doce nascença.

Quando à noite a alma que expiram lentamente
Até Afrodite erguida,
A virgem deve à sombra sentar-se, silente,
Ardendo constrangida.

Surpreende-se, e pálida, se deixa possuir
Por um presságio doce
Que uma presente carne dirige ao porvir
Por uma jovem face...

Tu, de braços mais puros que os de um animal
No ouro lhes dás um banho,
Tu que formas de dia fantasmas do mal
Que o sono transforma em sonho,

Grande enxame de folhas, orgulhoso rebuliço
Quando o áspero vento, alto,
No ápice de ouro, soa o azul do jovem solstício
Sobre tuas harpas, Plátano,

Ai, deves gemer!... Ó carne tenra do bosque,
Te torcer e retorcer,
Queixar-te sem romper; dar aos ventos a voz que
No caos buscam entrever!

E flagela-te!... Como o impaciente mártir
Que a si mesmo escorcha,
E disputas com a chama que não pode partir
O retorno à tocha!

Para que o hino suba aos pássaros que nascem,
E que a pureza da alma
Faça tremer de tanta esperança a folhagem
Do tronco a sonhar com a flama,

Te escolhi no parque, personagem imensa,
Bêbado com tua arfagem,
Grande arco, o céu te exerce e também te apressa
Para obter uma linguagem!

Das Driades rival, mas sem deixar de amar,
Somente o poeta possa
O teu corpo, como o do cavalo, alisar
A coxa ambiciosa!...

— *Diz a árvore: Não! Diz pelo resplandecer*
De sua cabeça altiva,
Que a tempestade trata como todo ser
Tal como faz com a relva!

Cantique des colonnes

à Léon-Paul Fargue

*Douces colonnes, aux
Chapeaux garnis de jour,
Ornés de vrais oiseaux
Qui marchent sur le tour,*

*Douces colonnes, ô
L'orchestre de fuseaux!
Chacun immole son
Silence à l'unisson.*

*— Que portez-vous si haut,
Égales radieuses?
— Au désir sans défaut
Nos grâces studieuses!*

*Nous chantons à la fois
Que nous portons les cieux!
Ô seule et sage voix
Qui chantes pour les yeux!*

*Vois quels hymnes candides!
Quelle sonorité
Nos éléments limpides
Tirent de la clarté!*

*Si froides et dorées
Nous fûmes de nos lits
Par le ciseau tirées,
Pour devenir ces lys!*

*De nos lits de cristal
Nous fûmes éveillées,
Des griffes de métal
Nous ont appareillées.*

*Pour affronter la lune,
La lune et le soleil,
On nous polit chacune
Comme ongle de l'orteil!*

*Servantes sans genoux,
Sourires sans figures,
La belle devant nous
Se sent les jambes pures.*

*Pieusement pareilles,
Le nez sous le bandeau
Et nos riches oreilles
Sourdes au blanc fardeau,*

*Un temple sur les yeux
Noirs pour l'éternité,
Nous allons sans les dieux
À la divinité!*

*Nos antiques jeunesses,
Chair mate et belles ombres,
Sont fières des finesses
Qui naissent par les nombres!*

*Filles des nombres d'or,
Fortes des lois du ciel,
Sur nous tombe et s'endort
Un dieu couleur de miel.*

*Il dort content, le Jour,
Que chaque jour offrons
Sur la table d'amour
Étale sur nos fronts.*

*Incorruptibles sœurs,
Mi-brûlantes, mi-fraîches,
Nous primes pour danseurs
Brises et feuilles sèches,*

*Et les siècles par dix,
Et les peuples passés,
C'est un profond jadis,
Jadis jamais assez!*

*Sous nos mêmes amours
Plus lourdes que le monde
Nous traversons les jours
Comme une pierre l'onde!*

*Nous marchons dans le temps
Et nos corps éclatants
Ont des pas ineffables
Qui marquent dans les fables...*

Cântico das colunas

a Léon-Paul Fargue

Ó colunas suaves,
Com chapéus que irradiam,
Ornadas pelas aves
Que ao seu redor caminham,

Doces colunas, festa
De fusos, ó orquestra!
Cada um dá em sacrifício
Seu silêncio em unísono.

— Que levam às alturas,
Ó iguais radiosas?
— Ao desejo sem fissuras
As graças estudiosas!

Cantamos todos nós
Que acolhemos os céus!
Ó! Só e sábia voz,
Cantas aos olhos meus!

Veja que ternos hinos!
E que sonoridade
Os elementos límpidos
Tiram da claridade!

Tão frias e douradas
Fomos de nossos leitos
Pelo cinzel retiradas,
E em flor-de-lis refeitas!

Dos leitos de cristal
Nós fomos acordadas,
Com garras de metal
Fomos aparelhadas.

Para afrontar as luas,
Sol e lua de uma vez,
Nos poliram as duas
Como as unhas dos pés!

Serviçais sem joelhos,
Sorrisos sem figuras,
A bela ante nossos olhos
Sente ter pernas puras.

Piamente parelhas,
Com o nariz em resguardo
Nossas ricas orelhas
Surdas ao branco fardo,

Com um templo no olhar
Sombrio para eternidade,
Sem deuses vamos chegar
Até a divindade!

Velhos jovens, beleza
Sombria, carne dura,
Do que nasce da fineza
Dos números se orgulha!

Filhas do áureo número,
Fortes das leis do céu,
Dorme em nosso túmulo
Um deus com a cor de mel.

O Dia, dorme sem dor,
Cada dia renasce
Sobre a mesa do amor
Que espalha em nossa face.

Incorruptas meninas
Meio ardentes e frescas,
Tomamos por dançarinas
Brisas e folhas secas,

E os séculos de demora,
E os povos do passado,
Só um profundo outrora,
Outrora nunca acabado!

Sob aqueles que amamos
Que pesam mais que o mundo
Os dias atravessamos
Como uma pedra a onda!

No tempo caminhantes
Nossos corpos radiantes,
Seus inefáveis passos
Nas fábulas são rastros...

L'Abeille

à Francis de Miomandre

*Quelle, et si fine, et si mortelle,
Que soit ta pointe, blonde abeille,
Je n'ai, sur ma tendre corbeille,
Jeté qu'un songe de dentelle.*

*Pique du sein la gourde belle
Sur qui l'Amour meurt ou sommeille,
Qu'un peu de moi-même vermeille
Vienne à la chair ronde et rebelle!*

*J'ai grand besoin d'un prompt tourment:
Un mal vif et bien terminé
Vaut mieux qu'un supplice dormant!*

*Soit donc mon sens illuminé
Par cette infime alerte d'or
Sans qui l'Amour meurt ou s'endort!*

A abelha

a Francis de Miomandre

Quão fino e fatal se estenda
O teu ferrão, ó loira abelha,
Sobre minha tenra corbelha,
Só lancei um sonho de renda.

Teu seio pica a bela inerte,
Onde o Amor morre ou adormece,
Que o pouco de mim que enrubesce
Venha à carne curva e rebelde!

Preciso agora de um tormento:
Um mal vivo e bem terminado
Supre um suplício sonolento!

Então meu senso é iluminado
Pelo brilho deste ínfimo alerta
Sem ele o Amor morre ou aquieta!

Poésie

*Par la surprise saisie,
Une bouche qui buvait
Au sein de la Poésie
En sépare son duvet:*

*— Ô ma mère Intelligence,
De qui la douceur coulait,
Quelle est cette négligence
Qui laisse tarir son lait!*

*À peine sur ta poitrine,
Accablé de blancs liens,
Me berçait l'onde marine
De ton cœur chargé de biens;*

*À peine, dans ton ciel sombre,
Abattu sur ta beauté,
Je sentais, à boire l'ombre,
M'envahir une clarté!*

*Dieu perdu dans son essence,
Et délicieusement
Docile à la connaissance
Du suprême apaisement,*

*Je touchais à la nuit pure,
Je ne savais plus mourir,*

*Car un fleuve sans coupure
Me semblait me parcourir...*

*Dis, par quelle crainte vaine,
Par quelle ombre de dépit,
Cette merveilleuse veine
À mes lèvres se rompit?*

*Ô rigueur, tu m'es un signe
Qu'à mon âme je déplus!
Le silence au vol de cygne
Entre nous ne règne plus!*

*Immortelle, ta paupière
Me refuse mes trésors,
Et la chair s'est faite pierre
Qui fut tendre sous mon corps!*

*Des cieux même tu me sèves,
Par quel injuste retour?
Que seras-tu sans mes lèvres?
Que serai-je sans amour?*

*Mais la Source suspendue
Lui répond sans dureté:
— Si fort vous m'avez mordue
Que mon cœur s'est arrêté!*

Poesia

Tomada pelas surpresas,
Uma boca que bebia
Se separa de suas penas
No seio da Poesia:

— Ó minha mãe Inteligência,
De onde vinha o doce leite,
Qual é dessa negligência
Que deixa secar seu leite!

Teu peito mal me continha,
Premido em branca união,
Me embalava a onda marinha
De teu lauto coração;

Apenas, em teu céu turvo,
Abatido em tua beleza,
Sentia, sombra que sorvo,
Me invadir uma clareza!

Deus perdido em seu intento,
E em seu deliciar-se,
Dócil ao conhecimento
Do supremo apaziguar-se.

Eu tocava a noite pura,
Não sabia mais morrer,

Pois um rio sem ruptura
Parecia percorrer-me...

Diz, por que crença vazia,
Por que sombra ressentida,
A veia que maravilha
Nos meus lábios foi rompida?

Ó rigor, ó signo insigne
Que à minha alma não apraz!
O silêncio, voo de cisne,
Entre nós não reina mais!

Dos meus tesouros me veda
A tua pálpebra eterna
E a carne que se fez pedra
Sob o meu corpo foi terna!

Por quais injustos atalhos
Dos céus vens e me desmamas?
O que serás sem meus lábios?
O que serei se não me amas?

Mas, suspendida, a Fonte
Sem dureza retrucou:
— Me mordeste assim tão forte
Que meu coração parou!

Les Pas

*Tes pas, enfants de mon silence,
Saintement, lentement placés,
Vers le lit de ma vigilance
Procèdent muets et glacés.*

*Personne pure, ombre divine,
Qu'ils sont doux, tes pas retenus!
Dieux!... tous les dons que je devine
Viennent à moi sur ces pieds nus!*

*Si, de tes lèvres avancées,
Tu prépares pour l'apaiser,
À l'habitant de mes pensées
La nourriture d'un baiser,*

*Ne hâte pas cet acte tendre,
Douceur d'être et de n'être pas,
Car j'ai vécu de vous attendre,
Et mon cœur n'était que vos pas.*

